



Visões do Cotidiano¹

Paula Catarina de Almeida COSTA²

Raphael Santos FREIRE³

Andréa Glayce Mota dos REMÉDIOS; Felipe Marcos

Gonçalves CORTEZ; Brena Wanessa Jardim FREIRE; Clareana Oliveira

RODRIGUES; José Antônio Fonteles Cruz JUNIOR; Abílio Cavalcante Dantas

NETO; Aline Meriane do Carmo de FREITAS; José Aílton Faro de NORONHA;

Wellington Pinheiro de LIMA; Allan TOMAZ⁴

Maria Ataíde Malcher⁵

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Os vídeos-minuto que compõem a série “[Visões do Cotidiano](#)”⁶ fazem um exercício ao buscarmos, cada um ao seu modo, projetar o rotineiro, levantar questões e reflexões sobre o que acontece na dita normalidade, o não inédito da notícia ou do espetáculo. Apoiados no conceito de cotidiano usado por Michael de Certeau, os nove vídeos foram produzidos dentro das reflexões “o que nos oprime”; “o que nos conforta” e “o que nós não vemos” e exploram temas como solidão, rotina, não-lugar, pichação, proteção, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: cotidiano; audiovisual; vídeos-minuto; entretenimento;

INTRODUÇÃO

“Casas entre bananeiras/mulheres entre laranjeiras /pomar amor cantar/ Um homem vai devagar. /Um cachorro vai devagar. /Um burro vai devagar./Devagar...as janelas se olham/Eta vida besta, meu Deus”. (ANDRADE, Drummond, 1979).

Levantar da cama, escovar os dentes, tomar café com a família e ir para o trabalho, são ações rotineiras realizadas por milhares de pessoas em qualquer lugar do mundo, independente de fuso horário. Todas essas atividades são formas de manifestar a existência numa sociedade, práticas tidas como cotidianas. Para Michel de Certeau, o cotidiano é o que deixou de ser visto pelas pessoas, “é uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. (CERTEAU, 1996 apud DURAN, 2007).

Cada personagem que compõem uma rotina pode ser o observador em primeira pessoa daquilo que acontece na sua vida, o simples fato de estar no “presente” ou compreender

¹ XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Programa Laboratorial de Telejornalismo, modalidade Séries.

² Aluna líder do grupo e estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social da UFPA. e-mail: pccatarina8@yahoo.com.br.

³ Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social da UFPA. e-mail: rsfjofreire@gmail.com.

⁴ Estudantes do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social da UFPA.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação Social da UFPA. e-mail: aataidem@yahoo.com.br.

⁶ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=8CMSYFfwLYc>



isso já pode ser caracterizado como análise cotidiana, exemplificado futuramente no “Manicure”, visto com olhar de primeira pessoa. Uma análise, nada simples de ser feita, por serem os atos que se praticam no “dia-a-dia” algo entranhado e, até mesmo mecânico em cada pessoa, o cotidiano ganha o sentido de normal, como será visto no vídeo Malabares, um personagem que está nos sinais das ruas mais movimentadas fazendo piruetas com cones para fazer o seu ganha-pão. “Aprendi, com Michel de Certeau (1996), que “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente.” (CERTEAU, 1996, p. 31).

OBJETIVO

Mostrar as várias visões dos personagens da cidade de Belém do Pará. Em alguns momentos em uma visão em primeira pessoa, com o uso do recurso da câmera subjetiva, em outros momentos em terceira pessoa. Uma forma de representar breve recorte da vida rotineira, que por ser tão comum, em alguns casos se perdem nos vários sentidos produzidos numa cidade.

JUSTIFICATIVA

A frenética corrida do dia-a-dia, a fluidez do passar dos dias torna o que antes era comum em algo mecânico, a banalidade é cada vez mais uma das formas mais comuns para se encarar uma notícia, por exemplo. O ser humano deixou de olhar para as coisas simples, para as plantas os pássaros àquela visão bucólica tão exaltada na corrente literária arcadista. Não pretendemos trazer tudo de volta, só mostrar o que pode ser esquecido.

[...] há uma acusação forte de que o cotidiano sempre ficou à margem de concepções totalizantes que remetem a explicação da realidade social às estruturas que modelam e cristalizam a sociedade global. [...] Mas a crítica mais contundente acho que vem de Lukás, que procura criticar três abandonos fundamentais do marxismo: a noção de totalidade, a de dialética e a de mediação, pelas quais as questões concretas da vida acabam se perdendo, caso não forem resolvidas. (DURAN, 2007 apud CHIZZOTI, 2002, p.2).

A ideia foi pensada para o exercício durante o módulo entretenimento do Laboratório de Telejornalismo. Não queríamos produzir o que sempre se costumou fazer no curso, queríamos



algo diferente, que nos desafiasse. Daí surgiu a proposta de trabalharmos vídeos-minuto gravados com celular, câmeras digitais amadoras e semi-profissionais.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O conceito de cotidiano usado foi pesquisado e discutido durante alguns dias pelos estudantes e a coordenadora da disciplina, professora Maria Ataíde Malcher. O debate de como tratar a temática escolhida ultrapassou o tempo do primeiro período do laboratório, para dar conta do trabalho e aprofundar a conversa, foi criado um grupo de e-mail só para a disciplina, assim, a professora e os alunos poderiam continuar trocando mais e mais idéias até cada dupla ou trio de alunos começarem a desenvolverem os roteiros.

A escolha do tempo dos filmes, do material de filmagem, as histórias, locação e meios de viabilidade de cada vídeo foi pensado minuciosamente até iniciarem as filmagens. Os que não utilizaram máquinas filmadoras ou fotográficas digitais, contaram com o apoio da equipe de filmagem da Academia Amazônia⁷. A edição realizada em parceria da Academia foi outro processo essencial de aprendizado, o desafio de escolher as cenas que iriam ficar nos produtos finais.

Na etapa final do produto foi idealizado e efetuada um DVD com o design gráfico desenvolvido pelos próprios alunos com a orientação da professora. Este tipo de suporte traria o que todos esperavam, a interatividade, em um DVD as séries poderiam ser vistas como o telespectador desejasse, com a opção de escolher os vídeos que mais lhe chamassem atenção. No mesmo suporte os alunos produziram um *making of* das aulas, reuniões, gravações de todo o processo.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O “Visões do Cotidiano” é composto por nove vídeos, cada curta apresenta um minuto de duração. O abrir de olhos significa que um curta novo irá começar. A abertura com os olhos também representa um olhar diferente para realidades cotidianas diferentes.

⁷ Projeto de extensão que produz material em audiovisual para o curso de Comunicação Social e para a Universidade Federal do Pará.



- **Extra Extra!:** Passos ligeiros, respiração ofegante. Quem sonha um dia sair na capa de um caderno polícia de jornal. As mesmas páginas que foram lidas por você hoje, podem ser as mesmas que irão cobrir um corpo sem vida amanhã. A efemeridade da notícia, páginas de papel reciclado que se transformam em um lençol mórbido todos os dias. O “Extra Extra!” é uma crítica seções de polícia dos cadernos diário, uma forma de refletir o espetáculo da morte trazida por essas páginas.

- **Pichação:** Muitas pessoas já passaram pela situação desagradável de pintar o muro da casa e no dia seguinte amanhecer com a parede cheia de rabiscos. O vídeo “Pichação” tenta mostrar de uma forma diferente, esse discurso urbano, às vezes transgressor, às vezes revoltado, uma forma de dizer a urbes: “eu estou aqui”. Ao mostrar uma criança desenhando na parede de sua sala de estar, as imagens tentam fazer uma comparação com alguém que tenta no seu processo de crescimento se expressar de qualquer forma.

- **Manicure:** As cores há muito tempo representam partidos políticos, nações, opções sexuais, ou seja, podem ser consideradas um sinônimo de diversidade. O vídeo manicure busca mostrar através das cores de esmalte, cosmético usado comumente pela maioria das mulheres ocidentais a pluralidade, diferentes mãos, várias pessoas, personalidades. O personagem principal dessa produção é cuida dessas mãos todos os dias, uma manicure.

- **Vigia:** algumas profissões por necessitarem de atenção ou mesmo isolamento, trazem consigo algo diferente do que entendemos como uma necessidade do ser social: a solidão. O vídeo “Vigia”, gravado na Universidade Federal do Pará, traz o conceito de cotidiano atrelado a solidão de uma dos personagens mais comuns das empresas, escolas ou outras instituições.

- **Malabares:** Tudo tende ao equilíbrio, a homeostase é um dos conceitos da biologia que afirma que o corpo tenta equilibrar a temperatura interna, com a temperatura externa para que o organismo não apresente alguma doença. A vida no vídeo “Malabares” é vista dessa forma, situações do cotidiano são representadas por cones dançantes no ar, se um desequilibrar os outros acabam sendo prejudicado. Isso é latente em diversas situações, familiares, profissionais, políticas.



- **Cidade do Urubus:** A revoada nos urubus (*Coragyps atratus*) no cartão postal da cidade de Belém do Pará “Ver-o-peso”, só pode significar duas coisas: vai chover ou tem comida pra quase todos. Nesse momento a disputa começa. A luta por território é uma das maneiras utilizadas por diversas espécies para a perpetuação e bem-estar de seu bando.

- **Ser Invisível:** Guardas, caixas, seguranças. Cobradores de ônibus, cruzamos todos os dias com os mais diferentes profissionais, mas em muitos casos essas pessoas não são reconhecidas sem seus uniformes. Por que um uniforme cega algumas pessoas que estão no dia-a-dia dando e recebendo troco de dinheiro, guardando vidas. O vídeo mostra três pessoas entrando num ônibus, pagando a passagem para o cobrador, mas a partir do momento em que a câmera passa a ser o olho de uma delas, o cobrador simplesmente é um ser invisível, inexistente.

- **Proteção?:** Produção que busca mostrar as relações entre o homem e as árvores na cidade de Belém, uma metrópole, que apesar dos desafios e conseqüências de uma tentativa de urbanização, ainda tem uma quantidade considerável de árvores em suas ruas e praças.

O foco desse vídeo é relatar as situações paradoxais das atividades humanas como a destruição de árvores uma das praças públicas mais movimentadas da cidade de Belém, Praça da República. O destaque é direcionado as diversas espécies que compõem esse cenário, a exemplo, uma Samaumeiras (*Ceiba pentandra*). As atividades, quase que seqüenciais, um rapaz urina em uma samaumeira e, em seguida, uma criança brinca com uma bola próximo do vegetal, ou os recados deixamos no tronco da espécie, trazem à tona a relação do morador de Belém do Pará com as “suas” árvores.

- **Não Lugar:** Marc Augé traz o conceito inspirador desse vídeo. De acordo com esse antropólogo, vivemos em espaços e reconstruímos cotidianamente este espaço, na medida em que agimos, constuímos nossa dinâmica, prática (BOURDIEU, ANO). Neste não lugar, não firmamos os pés. A escolha do ônibus foi uma das formas de simular isto, um lugar de passageiros inconstantes, que a cada parada reconstrói novos formatos de relações.



CONSIDERAÇÕES

Do cotidiano parte o futuro, práticas que para alguns deixaram de ser tão importante, só ganham sentido novamente quando há uma quebra no tempo, nas ações. Compreender a necessidade de se analisar o cotidiano é também “prever” o que está por vir e não acreditar que o que é feito todo dia, só pelo fato de ser uma coisa rotineira, tem que ser visto com banalidade. Essa é uma das formas de entender a história, como mostra Michel de Certeau (ANO) o cotidiano não está dissociado dela. A crítica recai na percepção que as mídias trazem de mundo, as agendas *settings* a partir da ótica do “Visões do Cotidiano” instiga o repensar dessas pautas diárias, das conversas entre amigos, dos textos de blogs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. Antologia poética. 13.ed. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1979.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994. Disponível em: <http://revista.antropos.com.br/downloads/Resenha%201%20-%20N%E3o-lugares%20-%20Marc%20Aug%E9%20-%20Jo%E3o%20Luis%20Binde.pdf>>. Acesso em: 15 seu. 2009.

CERTEAU, Michel e GIARD, Luce: **A invenção do Cotidiano: 2. Morar e Cozinhar**, Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1996.

DEUSDEDITH, Junior. **O território do Cotidiano**. Trabalho apresentado no Seminário “Processos Identitários e Configurações Cotidianas” do Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade de Brasília. Brasília. 2003.

DURAN, Marília. **Maneiras de pensar o Cotidiano com Michel de Certeau**. In *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SOUZA, José C. Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.



Sites

<http://www.fundaj.gov.br/geral/textos%20online/amazonia/marajo.pdf>

<http://carlosdrummonddeandrade.com.br/>

[http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=1962&cat=Ensaios.](http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=1962&cat=Ensaios)

<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./especie/fauna/index.html&co>